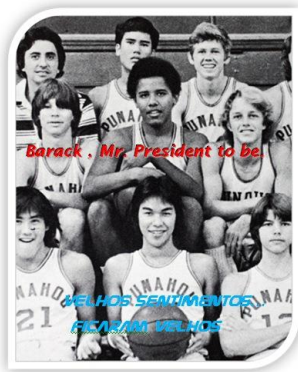


## VELHOS SENTIMENTOS... FICARAM VELHOS

*José Luiz P. da Costa*



**Setembro de 2008.** Estávamos na residência do empresário ganense Mr. Eric Agyemang, num bairro residencial de Acra, capital de Gana. Era um almoço ajantarado, pois começamos a nos servir, num farto bufete, em torno às 4 horas da tarde. Os presentes eram muitos: familiares do dono da casa e vários amigos, além de quatro empresários brasileiros. De forma natural, e inevitável, um nome se insinuou insistentemente nas várias mesas que compunham o ambiente, num bem cuidado jardim

debruado com grama luxuriantemente verde – mesas todas artisticamente decoradas com toalhas brancas e guarnições de flores. O nome africano, que se intrometia, que zunia, podia ser *twi*, *ewe*, mais propriamente *dagomba*, ou quem sabe suaili: era Barack Obama.

Também havia quase uniforme opinião quanto à vitória eleitoral do meio-africano no sangue, mas totalmente *africanu*, em seu nome: Barack Obama, de uma tribo bem ao leste do continente – mas sem dúvidas na *bilad-as-sudan*.

Naquele universo que se formou, pessoas de outras mesas vieram dar seu palpite sobre o andamento e o desenrolar das eleições norte-americanas. Dois dos presentes destoavam. Essa dupla, um africano como os demais e eu, achava que tudo o que conhecíamos da sociedade americana nos dava a garantia de que a candidatura de Obama iria terminar numa grande decepção para os negros norte-americanos – e do mundo, haja vista aquele microcosmo africano a se preocupar com os sucessos eleitorais nos Estados Unidos. Passamos ser três, como score final, eis que um professor com Ph.D obtido em Stanford, EUA, trouxe para a mesa sua vivência de mais de vinte anos naquele país.

Accosa, Roland e eu, os três com mais de cinquenta anos, não podíamos imaginar que o tempo andara sua inexorável marcha e trouxera para os Estados Unidos novas gerações que nada têm a ver com tudo o que Accosa, Roland e eu havíamos experimentado, ouvido e lido, especialmente em nossos anos passados, relativamente aos Estados Unidos da América. Uma nova face dos EUA haveria de emergir das urnas da eleição presidencial, e dos autores desses votos apareceria uma concepção do país que nada tinha a ver com os EUA que eu

conheci, que estruturou meu conhecimento literário e, mesmo, meu gosto musical. Accosa, Roland e eu – como leio agora, aqui e ali, nas crônicas americanas pós-eleições – simplesmente não estávamos preparados para antever essa onda renovadora, que irromperia de forma avassaladora.

Barack Obama se elegeu, semanas adiante, presidente dos EUA.

Mas, nos entendam.

Ainda que em fantasia, os negros se identificaram, literariamente, como nunca antes, com a obra que se apresentava como a história de suas vidas. “Nossa ascendência transcendia a escravidão, ela, como outras nacionalidades que formaram os EUA, tinha raízes, muitas vezes nobres” instilava Alex Halley (1921-1992) ao escrever o livro *Roots* (no Brasil, *Negras Raízes*, Record, 1976). O livro é um rosário de sofrimentos, desde que o primeiro africano foi caçado nas florestas do entorno à vila de Juffure, na Gâmbia, África Ocidental, e trazido para a América. Kunta Kintê era seu nome.

Na plantação para onde foi levado como escravo, deram-lhe o nome de Toby. Duas variantes assinalam a metáfora Kunta Kintê: enquanto pode, tentou fugir da servidão – mesmo quando deceparam parte de um de seus pés, para evitar a persistente busca pela liberdade nunca atingida por si, continuou tentando. A outra: jamais aceitou o imposto nome ocidental de Toby, foi sempre Kunta Kintê.

Poderia Halley, no mais desvairado sonho literário, prever que um próximo futuro presidente de seu país fosse se chamar Barack Obama? E não Toby?

Mas.

Recentemente, aluguei o filme *“Irmãos Soledad – Cartas de George Jackson desde o presídio”*. Narra o assassinato pela guarda do presídio *Soledad*, do ativista pelos direitos dos negros, George Jackson. O filme me levou a busca de maiores informações e cheguei à autobiografia de Angela Davis, condenada à pena de morte e, finalmente, julgada inocente, por sua condição de auto-declarada comunista e, também, integrante do partido dos Panteras Negras e, assim, forte agente dos movimentos pelos direitos civis aos afro-americanos, nos EUA. Num trecho dessa autobiografia (*Angela Davis – an Autobiography*, International Publishers, 1988), escreve Davis: *“Em Birmingham, se necessitamos ir ao toalete ou beber água, temos de sair em busca da placa que diz “Colored”. Muitas das crianças negras de minha geração apreenderam ler as palavras “Colored” e “White” muito antes de aprender ‘vovô viu a uva’*. Angela Davis entrou na casa dos sessenta anos, agora.

Mas.

Outro filme, *Separados, porém iguais*, com Sidney Poitier, examina a batalha jurídica para revogar jurisprudência anterior do Supremo americano (caso *Plessy x Ferguson*, de 1896) que aceitara o princípio de, concedida igualdade de condições entre escolas, ser legal separá-las entre de negros e de brancos. As escolas públicas dos negros eram absolutamente desiguais, para pior, às dos brancos. Poitier desempenha o papel de Thurgood Marshal que derruba a jurisprudência e faz surgir nova regra a ser cumprida nacionalmente, especialmente no Sul racista. Marshal, que hoje é nome de imponente prédio público em Washington, foi o primeiro negro a ser nomeado juiz associado da Suprema Corte dos EUA.

Toda a atmosfera do filme, que atravessa os anos 1950, hoje pode ser vista com outros olhos; importante passo era dado no processo de mudança que se inseria na sociedade americana. Era o fim da discriminação nas escolas públicas.

Mas.

A resenha do livro de Terry Bisson, *Fire on the Mountain* (Avon Books, NY, 1990), *Fogo na Montanha*, é fantástica, assim: “*É o ano de 1959 na América do Norte. – O profundo Sul é uma nação independente que se chama Nova África. A segunda expedição a Marte está prestes a pousar. E uma cientista novo-africana escala a cordilheira Blue Ridge acompanhada de seu bisavô [nas cartas que deixou], quando tinha 12 anos; serviu café para John Brown e cavalgou no exército de Tubman*”.

A sumária introdução do mesmo livro finaliza dizendo que “*Fogo na Montanha é a história do que poderia ter acontecido se a incursão de John Brown [sobre o arsenal militar em Harper’s Ferry] tivesse tido sucesso*”.

Eis a introdução:

“*Em 1859, o abolicionista John Brown, recém saído de uma operação de guerrilha que afastou Kansas de ingressar na União como um Estado escravista, atacou o arsenal federal situado em Harper’s Ferry, na Virgínia, com um pequeno contingente de homens armados. Brown veio para a Virgínia a fim de realizar um sonho antigo: levar a guerra contra a escravidão “dentro da África”(como ele assim se referia à região Sul rural escravista), organizando um pequeno exército de escravos fugitivos e de abolicionistas até Blue Ridge, para depois dirigir-se para o sul. No conceito de Brown, esta força, mesmo que militarmente fraca, aterrorizaria os proprietários de escravos, encorajaria os cativos e aceleraria a polarização que já colocava a nação bipartida. Outros também se somavam: ele havia levantado fundos para comprar o que havia de mais moderno em armamento na época, e*

recrutara a experiente negra, líder da luta contra a escravidão, Harriet Tubman, como a segunda em comando.

*A incursão estava simbolicamente marcada para 4 de julho de 1859, aniversário da Independência, mas Tubman adoeceu e os suprimento se atrasaram. Após uma demora de três meses, Brown e vinte e um homens atacaram Harper's Ferry no dia 16 de outubro, sem contar com Tubman. Por uma combinação de erros militares e má sorte, eles foram cercados e derrotados pelos fuzileiros navais, comandados pelo graduado na Academia de West Point, Robert E. Lee [1807-1870, depois, líder de exército dos confederados do Sul]. Brown e cinco outros foram enforcados, acusados de traição e se tornaram lendas como mártires ao invés de libertadores. Mesmo no patíbulo, foram dignos e não mostraram arrependimento; ainda com o insucesso, sua incursão aterrorizou o Sul, eletrizou a nação, e precipitou a Guerra Civil, que irrompeu menos de um ano após este incidente.”*

Trouxe aqui o livro de Bisson (que é americano branco), no contexto deste ensaio. E aí se esgotaria a informação a respeito. Entretanto, tão estranho e implausível parece seu livro, que interessantes são os elementos que teve de buscar para dar sustentação a uma luta de escravos contra o já poderoso exército dos EUA. À ficção científica, que é seu forte como escritor de livros e roteiros cinematográficos, juntou ficção histórica, como a participação de Garibaldi – este mesmo Garibaldi que andou revolucionando pelo Rio Grande do Sul, Brasil, quando esta unidade da Federação brasileira tentou seccionar-se. Bisson introduz assim Garibaldi:

*“Para muitos, a data formal do início da Guerra de Independência [de Nova África] é a da derrota de Lee, em Roanoke, durante o Natal, posto que assinale o ingresso de Garibaldi e do México, do Haiti e dos Cherokee, da proclamação de Douglass [Frederik Douglass, 1818-1895, ex-escravo, ativista, escritor, diplomata, conferencista] e a internacionalização do conflito, mas para mim [escreve o bisavô da cientista, na carta que motivou sua viagem para conhecer Blue Ridge, local do Fogo na Montanha], e creio que para muita gente no Vale, a guerra se iniciou em setembro com o Fogo Falso.”*

Ainda, sobre Garibaldi e a ficção histórica, escreve o romancista: *“Falavam-se de um destacamento internacional liderado por Garibaldi, organizando-se no México, a fim de recapturar o Texas e mesmo a Califórnia”.*

Mas, e por fim, a Bíblia sobre a qual Barack Obama prestou juramento como o 44º presidente dos EUA, é a mesma sobre a qual Abraão Lincoln, o Libertador, praticou o mesmo

gesto. Personagem de Bisson, sobre Lincoln e libertador, censura tanto chamarem Brown de traidor quanto a Lincoln de “O Grande Emancipador”, dizendo: “A quem ele emancipou?” “Ele emancipou os brancos de terem de abrir mão das terras de que se haviam apossado”.

Lerone Bennet Jr., jornalista e historiador, escreveu um livro intitulado “*Forced Into Glory*” (Johnson Publishing Co. 2000), onde desafia o mito Abraão Lincoln. Como introdução ao prefácio, colocou o seguinte pensamento de Lincoln:

*“Vou dizer, então, que não sou, ou jamais fui de fazer gerar qualquer forma social e política de igualdade entre as raças branca e negra [aplausos] — que não sou, ou jamais fui a favor de transformar negros em votantes e jurados, nem de qualificá-los para o exercício de mandatos, nem de casarem com brancos; e vou acrescentar que existe uma diferença biológica entre as raças branca e negra, o que acredito impedirá para sempre as duas raças de viverem juntas em termos de igualdade política e social. E na medida em que não podem assim viver, enquanto estiverem juntas deverão ser mantidas as posições de superior e inferior, e como qualquer outra pessoa sou favorável à outorga à raça branca a condição de superioridade”.* (Íntegra do prefácio pode ser lida em [www.dacostaex.net/pcd.html](http://www.dacostaex.net/pcd.html) ícone SANKORE).

. W. E. B. Du Bois (1868-1963), considerado o pai da intelectualidade negra norte-americana, no alvorecer do século 20, escreveu em seu livro “*As Almas do Povo Negro*” (tradução e amplo material em [Www.dacostaex.net/pcd.html](http://Www.dacostaex.net/pcd.html)): “*É uma sensação peculiar, essa dupla-consciência, esse sentido de sempre olhar a si próprio através dos olhos de outros, de medir um sentimento através da métrica de um mundo que o contempla com divertido desprezo e pena. É sentir sempre a duplicidade – ser americano, ser negro. Duas almas, dois pensamentos, dois embates irreconciliáveis, dois ideais conflitantes, num corpo negro, impedido, apenas por um obstinado esforço, de bipartir-se*”. E ainda, na mesma obra: “*O problema do século vinte é a questão da linha da cor*”.

Leitor por mais de meio século da obra de autores americanos, especialmente, autores afro-americanos, não fui capaz de compreender a capacidade da sociedade norte-americana de mudar – e mudar rapidamente, por mais incrível que possa parecer a palavra rapidamente neste contexto.

Assim, Barack Hussein Obama é o presidente norte-americano, descendente de africanos e de brancos, que, sem ser Toby, ultrapassou a linha da cor, de Du Bois, e mostrou viável o sonho de Luther King e de tantos outros.

**Em julho de 2009**, o professor Henry Louis Gates, Jr. autor de inúmeros livros, em especial da grande antologia, ***African American Literature***, foi preso por, ao tentar abrir à força, a porta de sua casa, voltando de viagem e tendo quebrado a chave na fechadura, foi considerado por um vizinho como invasor. Chamada a polícia, apesar de se identificar como dono da casa, foi preso. A história reproduz na vida real a ficção do filme *Amos e Andrew*, com

os artistas Samuel L. Jackson e Nicolas Cage. Um *filme* contendo a reação do presidente Barack Obama ao incidente. Pode ser visto e ouvido em:

<http://roomfordebate.blogs.nytimes.com/2009/07/23/were-obamas-race-remarks-too-risky/?th&emc=th>